



Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação
Departamento de Jornalismo

UMA PÁGINA POR DIA

A síndrome de Down pelo olhar materno

Camila Castro da Costa
Victoria Cristina Gonçalves da Costa

Orientador: Paulo José Araújo da Cunha
Brasília, 2017

Camila Castro da Costa
Victoria Cristina Gonçalves da Costa

UMA PÁGINA POR DIA

A síndrome de Down pelo olhar materno

Memorial descritivo de produto apresentado à
Universidade de Brasília como requisito
parcial para obtenção do título de bacharel em
Comunicação Social com habilitação em
Jornalismo.

Orientador: Paulo José Araújo da Cunha

Brasília, 2017

Camila Castro da Costa
Victoria Cristina Gonçalves da Costa

UMA PÁGINA POR DIA

A síndrome de Down pelo olhar materno

Memorial descritivo de produto apresentado à
Universidade de Brasília como requisito
parcial para obtenção do título de bacharel em
Comunicação Social com habilitação em
Jornalismo.

Orientador: Paulo José Araújo da Cunha

BANCA EXAMINADORA:

Paulo José Araújo da Cunha
ORIENTADOR

Márcia Marques
MEMBRO

Marcos de Souza Mendes
MEMBRO

Wladimir Ganzelevitch Gramacho
SUPLENTE

Brasília, 2017

A todas as mães que precisaram reescrever suas histórias junto a de seus filhos, em especial aquelas que geraram uma criança com síndrome de Down. Que, por meio dos relatos presentes na série documental, elas possam encontrar apoio e força na escrita de seus enredos.

AGRADECIMENTOS

Como dupla, gostaríamos de agradecer, primeiramente, a Deus, por nos ter proporcionado a vida e as vivências que tivemos desde pequenas até esse momento. Finalizar o curso de Jornalismo com este projeto tem sido extremamente gratificante, e temos a certeza de que Ele olhou por nós durante toda a jornada.

Ao nosso orientador, Paulo José Cunha, o nosso muito obrigada por toda a atenção, conselhos e paciência. Dos aprendizados que tivemos, devemos muito a você.

A essa equipe maravilhosa que fez com que, juntos, tornássemos tudo isso realidade, seremos eternamente gratas pela disposição, apoio e trabalho de cada um. Ana Paula Fonseca, Carolina Forattini Igreja, João Victor Maciel, Anderson Lopes, Sofia Todd, Rafael Beppu e Pedro Sales, o *Uma página por dia* só é que é por causa da ajuda de todos vocês.

Agradecemos às queridas mães que confiaram em nós e tornaram possível a concretização deste projeto. Socorro, Edvânia, Tatiana e Edilsa, não poderíamos estar mais felizes por terem compartilhado suas histórias conosco e nos emocionado com cada capítulo delas. Vocês servirão de exemplo para muitas outras mulheres.

A todas as professoras, professores, técnicos e colaboradores da FAC - Faculdade de Comunicação, o nosso obrigada. Cada um trouxe um pedacinho do conhecimento e das experiências que vivenciamos ao longo da graduação, nada teria sido como foi se não fosse pela participação de vocês nas nossas vidas acadêmicas.

Em particular, eu, Camila, agradeço aos meus pais Oswaldo e Glauciene por acreditarem em mim e lutarem para que eu pudesse realizar esse sonho, e às minhas irmãs Larissa e Isabela por alegrarem os meus dias e tornarem essa caminhada muito mais leve. Sem vocês, eu não estaria aqui.

Deixo também o meu agradecimento especial ao meu melhor amigo e companheiro Pedro Sales. Obrigada por comemorar comigo cada etapa deste projeto e se dispor a ajudar desde quando tudo não passava de uma ideia. Tenho certeza de que seu incentivo foi fundamental para que eu chegasse onde cheguei.

E agradeço à Victoria Cristina Costa por ter sido essa parceira tão incrível. Vics, fico muito feliz por estarmos encerrando esse ciclo juntas. Minha caminhada na UnB não teria sido a mesma sem você por perto.

Eu, Victoria, gostaria de agradecer à minha família pelo apoio que me deram. Ao André e ao Cadu, pelas ajudas e caronas para a UnB quando ainda estava no início da faculdade. À Ana Clara, por sempre estar disposta a escutar minhas ideias e melhorá-las com sugestões. Friso, principalmente, meus pais: Benevaldo e Miriam. Eu não estaria vivenciando esse momento se não fosse pelo investimento que vocês fizeram em mim ao longo de toda minha vida.

Muito obrigada à Pupila Audiovisual e a todos os contemporâneos que estiveram ao meu lado na época de Pupis. Quem me garante que eu teria arriscado um documentário se não tivesse tido momentos de aprendizado e amizade tão bons nessa empresa? Graças a ela, conheci boa parte desses talentos que participaram da produção!

Agradeço à equipe da DEA - Diretoria de Esporte, Arte e Cultura da UnB pela compreensão nos momentos em que precisei me ausentar para poder me dedicar a este projeto.

Por último, gostaria de agradecer à minha parceira, Camila Castro. Cams, muito obrigada por ter me convidado para essa aventura e por ter sido tão amiga e companheira ao longo da produção do documentário. Que esse seja apenas o primeiro de muitos outros que possamos realizar juntas.

*“A semelhança nos iguala.
A diferença nos identifica.
Estamos nessa vida para
conseguir nossa identidade.
Por isso, precisamos valorizar as
diferenças e respeitar as
pessoas como indivíduos.”*

(Lurdes Danezy Piantino)

RESUMO

A série documental *Uma página por dia* aborda a experiência de quatro mães que tiveram de reescrever suas próprias histórias a partir da chegada do filho com síndrome de Down. Dividido em quatro episódios, o projeto retrata momentos significativos vivenciados pelas protagonistas, tais como a notícia do diagnóstico, cuidados que tiveram de ser tomados exclusivamente por conta da síndrome, situações de discriminação e histórias de superação dos filhos.

Palavras-chave: síndrome de Down; documentário; maternidade; inclusão; preconceito

ABSTRACT

The documentary series *One page per day* approaches the experience of four mothers that had to rewrite their own histories from the arrival of a child with Down syndrome. Divided in four episodes, the project characterizes significant moments lived by those protagonists, as the announcement of the diagnostic, the cares that had to be taken exclusively because of the syndrome, situations in which the prejudice from the others was identified and their children's stories of overcoming.

Keywords: Down syndrome; documentary; maternity; inclusion; prejudice

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Marca “Uma Página por Dia”.....	33
Figura 2 - Capa do DVD do Projeto.....	34

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	13
2. PROBLEMA DE PESQUISA	15
3. JUSTIFICATIVA	16
4. DEFINIÇÃO DOS OBJETIVOS	18
4.1 Objetivo geral.....	18
4.2 Objetivos específicos.....	18
5. REFERENCIAL TEÓRICO	19
5.1 Sobre a síndrome de Down.....	19
5.2 Questões terminológicas.....	20
5.2.1 Deficiente, portador de deficiência e pessoa com deficiência.....	20
5.2.2 Inclusão, integração e inserção.....	21
5.2.3 Preconceito e discriminação.....	22
5.3 O Papel da mídia na inclusão de pessoas com deficiência.....	23
6. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	25
6.1 Formato.....	25
6.2 Personagens.....	26
6.3 Pré-produção.....	27
6.4 Produção.....	29
6.5 Pós-produção.....	30
6.5.1 Linguagem audiovisual.....	31
6.5.2 Identidade visual.....	33
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	36

8. REFERÊNCIAS.....	39
8.1. Referências bibliográficas.....	39
8.2 Referências audiovisuais.....	42
9. ANEXOS.....	43
9.1 Autorização de uso de imagem.....	43
9.2 Autorização de uso de imagem - menor de idade.....	44
9.3 Carta de apresentação para gravação no HRAN.....	45
9.4 Teste de fontes.....	46
9.5 Versões de capa.....	47
10. APÊNDICES.....	48
10.1 Relatório de produção.....	48
10.2 Exemplo de ordem do dia utilizada.....	57
10.3 Exemplo de plano de filmagens utilizado.....	58

1. APRESENTAÇÃO

A síndrome de Down - também conhecida como trissomia 21 – é a alteração genética de maior ocorrência em todo o mundo. Estima-se que, a cada 700 bebês nascidos, um possui a síndrome. (COUTO; TACHIBANA; AIELLO-VAISBERG, 2007)

A ocorrência da síndrome de Down implica na presença de algumas características físicas, dentre elas a hipotonia – diminuição do tônus muscular -, que faz com que as crianças com a síndrome necessitem de um esforço muito maior para realizar processos básicos do desenvolvimento infantil, como segurar um objeto e engatinhar. (CHAVES. 1998)

Muitas atividades são realizadas no sentido de auxiliar esse desenvolvimento. No primeiro mês de vida, por exemplo, já é indicado que a criança com síndrome de Down inicie a estimulação precoce, na qual várias técnicas são empregadas para que ela consiga realizar trabalhar a sensibilidade do tato, a força dos braços e consiga se sentar.

Nessa trajetória, as mães costumam ter um papel fundamental. Com a chegada de uma criança com síndrome de Down, muitas alteram suas rotinas para se adequar às atividades dos filhos – que, geralmente, são muitas. A dedicação e paciência necessárias para com o filho que possui a síndrome faz com que muitas se redescubram e passem a dar um novo significado para a palavra “maternidade”.

O projeto *Uma página por dia: a síndrome de Down pelo olhar materno* é justamente o retrato dessa perspectiva das mães sobre a síndrome. Por meio de uma série documental, quatro mães compartilham suas experiências e aprendizados em diferentes fases da maternidade – Maria do Socorro é mãe da Valentina, de um ano de idade; Edvânia é mãe da Geovanna, de 6 anos; Tatiana mãe do Augusto, de 16 anos; e Edilsa mãe do Bruno, que tem 31 anos.

E não é apenas a idade e as fases pelas quais os filhos estão passando que difere a história de cada uma delas. Enquanto Edvânia e Edilsa descobriram o diagnóstico logo após o nascimento, Tatiana soube apenas três dias depois e Maria do Socorro ainda nas primeiras semanas de gestação.

Além disso, os desafios enfrentados por cada uma na maternidade vão muito além de uma rotina cheia de atividades: Bruno, filho de Edilsa, além de ter síndrome de Down é

também autista, enquanto Tatiana tem dois filhos que possuem síndrome – além de Augusto, com síndrome de Down, Tatiana é mãe do Guilherme, que nasceu dois anos depois e foi diagnosticado com Snyder-Robinson, uma síndrome extremamente rara (estima-se que apenas 12 indivíduos no mundo a possuem).

O ambiente familiar é outro ponto que chama a atenção. Edvânia, quando engravidou de Geovanna, já tinha uma filha de 17 anos, e por isso achou que não iria ter outro filho. Já Maria do Socorro tem, além de Valentina, mais oito filhos, além dos netos – inclusive a Valentina, de apenas um ano, tem sobrinhos que são mais velhos do que ela.

Com tantas histórias de força e superação, os relatos dessas mães foram divididos em quatro episódios. O primeiro trata do momento da notícia do diagnóstico. O período logo após o recebimento da novidade muitas vezes é árduo e desafiador, principalmente para as mães que descobriram somente após o nascimento, mas o convívio com as crianças rapidamente transforma o sentimento de receio em amor.

Já o segundo episódio é voltado para os cuidados que são tomados exclusivamente por conta da síndrome de Down. A rotina dos filhos em aulas de fisioterapia, equoterapia, natação e escola de ensino especial foi retratada nesse capítulo, com as mães sempre por perto os incentivando a crescerem cada vez mais.

O terceiro episódio trata de temas mais delicados e que merecem uma atenção especial, como preconceito e inclusão. Nele, as mães relatam situações nas quais notaram a discriminação de terceiros, como pessoas que olham para os filhos com certa rejeição e até mesmo temem se aproximar.

Por fim, o quarto e último episódio aborda histórias de superação vividas pelos filhos. Para crianças com síndrome de Down, pequenas conquistas têm um peso maior, devido ao esforço exigido para alcançá-las. Então, do começar a engatinhar até ter uma exposição com os desenhos do filho, tudo é motivo de vitória para as mães.

Além de ser uma oportunidade de conhecer e entender melhor a síndrome de Down e a realidade de mães que convivem diariamente com ela, o projeto também é uma forma de auxiliar e dar apoio a futuras mães que venham a ter filhos com a síndrome. Durante as gravações, Tatiana dizia: “a síndrome de Down não é problema”, e Edilsa acrescentava: “com amor, se torna fácil para qualquer mãe”. E é essa a mensagem que essas quatro mães, ao aceitarem participar do projeto, conseguem provar.

2. PROBLEMA DE PESQUISA

O interesse em realizar um projeto com foco na síndrome de Down surgiu, primeiramente, devido à possibilidade dela ser descoberta ainda na gravidez, o que instigou a curiosidade de se conhecer tanto histórias de mães que souberam do diagnóstico durante a gestação, quanto mães que só o descobriram após o nascimento da criança. Afinal, como deve ser, para uma mulher, ter uma gravidez considerada “normal” e, somente após o parto, descobrir no filho uma condição genética como a síndrome de Down? E para a mãe que teve conhecimento ainda na gravidez? De que forma a equipe médica deu o diagnóstico em ambos os casos? Como essas mães reagiram e o que fizeram após a notícia?

No livro *“Cadê a síndrome de Down que Estava Aqui? O Gato Comeu...”* (2006), a autora Elizabeth Tunes conta a história de Lurdes Piantino, mãe de Lúcio, que tem síndrome de Down. No caso dela, “o Lúcio foi aceito e amado desde sempre. O diagnóstico não alterou esse sentimento. Ao contrário, fortaleceu-o” (p. 31). Será que o sentimento foi o mesmo para outras mães que passaram por situações semelhantes? E para o restante da família?

Abordar um tema como a síndrome de Down também permite o questionamento sobre a forma como a condição do filho afeta a rotina da mãe e de todos os que com ele convivem. Quais outros possíveis obstáculos podem ser encontrados depois que a pessoa com síndrome de Down cresce? E em relação a questões sociais, como inclusão e preconceito? Houve casos nos quais essas mães notaram algum tipo de discriminação por parte de outras pessoas?

Por fim, surgiu a curiosidade de se conhecer opções de serviços de saúde, educação e estímulos para pessoas com deficiência. Há, atualmente, atividades nesse sentido para auxiliar pessoas com síndrome de Down? Como funciona o serviço público voltado para crianças, jovens e adultos com essa condição? Quais as dificuldades que uma mãe que teve o filho há décadas atrás enfrentou? O que melhorou nos últimos anos? O que uma mãe que tem um filho com a síndrome pode fazer atualmente para ajudar no desenvolvimento da criança?

Acompanhar a rotina de mães que convivem diariamente com a síndrome e registrar as experiências relatadas em uma série documental foi a maneira encontrada não apenas de responder a esses questionamentos, como também de tornar acessível todo o conhecimento adquirido e as informações procuradas.

3. JUSTIFICATIVA

Produzir e veicular uma série documental focada em uma condição como a síndrome de Down permite algumas oportunidades. A primeira delas é a de conhecer e desmistificar ideias equivocadas que se costuma ter em relação à síndrome. Por exemplo, muitos costumam utilizar a expressão “portadores de síndrome de Down”, quando o correto é dizer “pessoa com síndrome de Down”. Do mesmo modo, é comum enxergar a síndrome de Down como uma doença, sendo que, na realidade, ela é uma condição genética (vide Referencial Teórico).

Outra oportunidade gerada pelo trabalho é a de aproximar mães que compartilham da mesma realidade - e até mesmo mães que possam vir a ter filhos com a síndrome no futuro - por meio do registro e veiculação do projeto em diversas mídias, dado seu formato mutável (tanto em episódios curtos e separados, quanto pela possibilidade de se tornar um produto único compilado). Como afirmam as autoras Suellen Vieira e Ariane Pereira na pesquisa *A Deficiência nas páginas do jornal Folha de Londrina: analisando o discurso da inclusão*:

[...] é notável que a necessidade da Comunicação entre os diversos grupos sociais cresceu conforme o mundo se globalizou. Torna-se evidente, então, que, em um ambiente constantemente mediado pelos veículos de comunicação, a afirmação da identidade de um grupo depende, em grande parte, da sua visibilidade (VIEIRA; PEREIRA. 2009, p. 27).

A forma como a narrativa da série documental foi escrita, utilizando-se apenas dos depoimentos das mães que compartilham as próprias histórias - inclusive experiências negativas -, faz com que o projeto também permita uma maior aproximação com os espectadores e uma possível mudança de mentalidade sobre questões como inclusão e preconceito com pessoas com síndrome de Down.

Além disso, ao se optar por fazer o produto através da perspectiva das mães, ao invés de uma abordagem geral da síndrome de Down ou foco na pessoa que a possui, a série documental traz uma nova visão do tema. Dessa forma, é possível enriquecer ainda mais o debate sobre a síndrome, agregando novos pontos de vista a ele.

Por fim, o projeto também permite o crescimento pessoal e profissional da equipe responsável pela produção. Estereótipos e expressões pejorativas muitas vezes são utilizadas

para se referir a pessoas com síndrome de Down, e ter a oportunidade de lidar com um tema como esse ainda na graduação é uma forma de evitar que futuros jornalistas venham a cometer esses erros e saibam lidar de forma correta não apenas com pessoas com a síndrome de Down, mas também com aquelas que possuem outras síndromes, deficiências e limitações.

4. DEFINIÇÃO DOS OBJETIVOS

4.1 OBJETIVO GERAL

Ao abordar desafios e experiências vividas pelas mães, o documentário tem como objetivo geral retratar a síndrome de Down a partir da perspectiva materna.

4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Para atingir o objetivo central do projeto, foram elaborados três objetivos específicos. O primeiro deles é a realização de um documentário dividido em episódios. Desse modo, seria possível abordar separadamente os assuntos questionados no Problema de Pesquisa e trabalhar melhor cada um deles.

Já o segundo objetivo específico seria colocar em pauta assuntos como inclusão e preconceito com pessoas nascidas nessa condição.

Por fim, o projeto também pretende auxiliar mães que venham a ter crianças com síndrome de Down. Que, ao assistir a série documental, elas possam conhecer opções de estímulos e auxílios aos quais consigam recorrer após o diagnóstico.

5. REFERENCIAL TEÓRICO

5.1 SOBRE A SÍNDROME DE DOWN

A Síndrome de Down é uma alteração genética produzida pela presença de um cromossomo a mais, o par 21, e por isso é também conhecida como trissomia 21. Conforme Garcia Moreno Vieira Chaves, trata-se de uma síndrome “porque eles têm um conjunto de características semelhantes entre si, e Down como homenagem ao médico John Longdon Down, que foi o primeiro a identificar a síndrome”. (CHAVES, 1998. p 26)

Em 1966, Down publicou um estudo chamado *Observations on an Ethnic Classification of Idiots*, no qual faz uma “classificação étnica” das pessoas com deficiência mental. Ele aponta as características físicas de indivíduos com síndrome de Down como similares às das pessoas da Mongólia, chamando-as então de “mongolian idiocy” - traduzido como “idiotia mongolóide” ou “mongolismo”.

Essa foi a primeira vez que a síndrome foi tratada como uma condição clínica (MINISTÉRIO DA SAÚDE. 2013), mas o termo já havia sido utilizado em estudos anteriores - como por exemplo, no livro de Chambers, datado de 1844 (SILVA; DASSEN. 2013). Entretanto, atribuir a designação “mongol” ou “mongolóide” às pessoas com a síndrome passou a ser considerado pejorativo e até ofensivo, o que fez com que os termos fossem banidos no meio científico.

À medida que os estudos sobre a síndrome de Down se aprofundaram, passou-se a categorizar a trissomia 21, conforme explica Andréa Soares Wuo (2007):

Há três tipos de trissomia do 21(SD): a trissomia simples, resultado da não-disjunção cromossômica do par 21 que ocorre no momento de divisão celular, representando 95% dos casos; o mosaicism (2% dos casos), que compromete apenas parte das células, ou seja, algumas células possuem 46 cromossomos e outras, 47 e a translocação, também pouco expressiva, ocorrendo em cerca de 2% dos casos, em que o cromossomo extra do par 21 fica "grudado" em outro cromossomo e, embora o indivíduo tenha 46 cromossomos, ele é portador da Síndrome de Down.

Apesar de muitos pensarem que se trata de uma doença, na realidade a síndrome de Down é uma condição. A pessoa nasce com a síndrome e não tem como “tratá-la” ou “curá-la”. É fato, porém, que a condição pode trazer consigo alguns problemas de saúde.

As características físicas da síndrome são: hipotonia (diminuição do tônus muscular, o que faz com que a pessoa pareça mais “mole” do que o usual), língua protusa, mãos com uma só prega na palma e olhos amendoados. Além disso, pessoas com síndrome de Down têm maior probabilidade de ter doenças como má formação cardíaca, hipotireoidismo, problemas respiratórios, de visão, de audição, problemas dermatológicos, odontológicos e deficiência no hormônio de crescimento. (CHAVES, 1998)

É por essa razão que pessoas com síndrome de Down costumam precisar de mais atendimento médico do que uma pessoa que não possui a síndrome. Não devido à condição em si, mas pelas complicações de saúde trazidas por ela.

5.2 QUESTÕES TERMINOLÓGICAS

É importante que profissionais da mídia tomem cuidado com termos e expressões utilizados em produtos de comunicação. Muitas vezes, por ignorância, acaba-se usando um termo incorreto que já caiu em desuso ou até mesmo que passou a ser percebido como pejorativo pelas pessoas às quais ele se refere.

5.2.1 DEFICIENTE, PORTADOR DE DEFICIÊNCIA E PESSOA COM DEFICIÊNCIA

Como já exposto, pessoas com síndrome de Down costumavam ser vistas como alguém com “idiotia mongolóide”. Atualmente, o termo é considerado pejorativo – não apenas para se referir a quem tem a síndrome, mas para qualquer pessoa. Do mesmo modo, ao longo dos anos, é possível que nomenclaturas possam mudar ao se levar em conta novas observações.

É importante não sobrepor a deficiência à pessoa em si. Afinal, antes de tudo, eles são seres humanos. Por essa razão, chamar alguém de deficiente deixou de ser aceito.

Além disso, como afirma José Roberto Herrera Cantorani:

[...] preposições descrevem relações e estimulam a separação entre a pessoa e a deficiência, como no exemplo: um homem com deficiência, pois o verbo “ser” é menos adequado do que o “ter”, e dessa forma, afirmar que “ele tem uma incapacidade” causa melhor impressão do que “ele é incapacitado”. (CANTORANI, 2013 *apud* VARGAS; VARGAS; CANTORANI; GUTIERREZ; PILATTI, 2016)

Aos poucos, entrou em uso a expressão “pessoa portadora de deficiência”, frequentemente reduzida para “portadores de deficiência” (SASSAKI, 2002). Porém, a palavra “portar” remete à ideia de carregar algo. Uma pessoa com deficiência não a “carrega” aos lugares, como se ela fosse portátil.

Dessa forma, por volta da metade da década de 90, entrou em uso a expressão pessoas com deficiência, que permanece até os dias de hoje. Aprovado após debate mundial, o termo “pessoa(s) com deficiência” é utilizado no texto da Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, em fase final de elaboração pelo Comitê Especial da ONU. (SASSAKI, 2002).

5.2.2 INCLUSÃO, INTEGRAÇÃO E INSERÇÃO

Apesar de remeterem a ideias parecidas, as três palavras têm significados um pouco diferentes, conforme explica Márcio Ruiz Schiavo:

Embora ambos os processos encerrem uma mesma ideia, a de inserção social das pessoas com necessidades especiais, a integração se refere a uma inserção “parcial e condicionada às possibilidades de cada pessoa”, enquanto a inclusão prega uma inserção “total e incondicional” [...] (SCHIAVO, 1999 p. 132).

Síglia Camargo e Cleonice Bosa também dissertam sobre o tema no artigo *Competência social, inclusão escolar e autismo: revisão crítica da literatura*, afirmando que:

Enquanto na integração investe-se na possibilidade de indivíduos com deficiência frequentarem escolas comuns de ensino, cujos currículo e método pedagógicos estão voltados para crianças consideradas “normais”, na inclusão muda-se o foco do indivíduo para a escola. Neste caso, é o sistema educacional e social que deve adaptar-se para receber a criança deficiente (CAMARGO; BOSA; 2009).

Apesar das autoras focarem mais especificamente em um contexto escolar, é possível entender que a integração é uma adaptação feita em menor escala pelo meio no qual a pessoa com deficiência está inserida, enquanto a inclusão, além de ser feita em uma escala maior, demanda uma mudança do meio, e não do indivíduo. Ele não apenas insere a pessoa com deficiência, mas se adapta a suas necessidades.

O Movimento Down, uma organização sem fins lucrativos que tem como objetivo apoiar o desenvolvimento e inclusão de pessoas com síndrome de Down, explica em seu site que o termo “inserção” é um “vocábulo neutro, porque não está vinculado a movimentos internacionais de defesa de direitos de pessoas com deficiência” - como é o caso da palavra inclusão.

5.2.3 PRECONCEITO E DISCRIMINAÇÃO

Segundo o autor Gordon Allport, em estudo sobre o preconceito publicado em 1954 chamado *The nature of Prejudice*, o preconceito é “uma atitude hostil ou preventiva a uma pessoa que pertence a um grupo, simplesmente porque pertence a esse grupo, supondo-se, portanto, que possui as características contestáveis atribuídas a esse grupo” (ALLPORT, 1954/1962, p. 22 *apud* MANUEL; SILVA; OLIVEIRA, 2013, tradução livre).

Então, qual seria sua distinção em relação à palavra “discriminação”? As autoras do documentário *Quem é todo mundo?* abordaram essa diferença em artigo sobre o projeto apresentado em 2009. Para elas, o tema da discriminação é mais complexo de ser tratado do que o preconceito. O preconceito é mais visível e a sociedade foi educada para percebê-lo, já a discriminação é uma prática social difícil de ser revertida, pois necessita de alterações estruturais na sociedade. (CASTILHO; RICCIARDI; SOUZA; KHALIL. 2009).

5.3 O PAPEL DA MÍDIA NA INCLUSÃO

Deve-se ressaltar a responsabilidade da mídia na desconstrução de estereótipos e preconceitos relacionados a pessoas com deficiência e a qualquer outro grupo social. Conforme afirmam Suellen Vieira e Ariane Pereira, no estudo *A Deficiência nas páginas do jornal Folha de Londrina: analisando o discurso da inclusão*:

Os profissionais da área de comunicação social e do jornalismo se caracterizam, nesse contexto, como agentes facilitadores da troca de informações com grande poder de penetração social – já que a mídia pode ser entendida como uma das mais influentes instituições pedagógicas da contemporaneidade. Por outro lado, quando eles não usam esse ‘poder’ da maneira correta – leia-se, livre de formações discursivas que remontam a discursos antigos, da exclusão –, podem reforçar ainda mais um estereótipo já existente, fazendo aumentar o preconceito. (VIEIRA; PEREIRA. 2009, p. 3).

Jornais, filmes, documentários e qualquer outro produto comunicacional veiculado na grande mídia possuem uma abrangência muito grande. A Pesquisa Brasileira de Mídia, feita pelo Instituto IBOPE em 2016, aponta a TV como o meio de comunicação mais acessado pelos 15.050 entrevistados, sendo mencionada pela quase totalidade da amostra. A pesquisa também mostra que pouco mais de três quartos dos entrevistados assistem TV todos os dias da semana. Assim, é de suma importância que aqueles que produzem conteúdo para ela tenham em mente que milhares de pessoas estarão assistindo o trabalho feito.

Portanto, a mídia não só tem papel de retratar novas realidades na agenda pública, como também de impedir o incentivo a possíveis equívocos presentes na fala e nos conceitos dos cidadãos em relação a pessoas com deficiência. Em artigo publicado em 2003, a Agência de Notícias dos Direitos da Infância (ANDI), discorre sobre a dimensão do papel da mídia em relação à deficiência:

Acreditamos que apenas com o envolvimento dos diversos setores da sociedade em um debate continuado sobre as questões centrais relacionadas à deficiência será possível reverter o impacto dessa herança discriminatória. Daí a importância fundamental dos meios de comunicação de massa, enquanto agentes facilitadores dessa troca de informações. (ANDI. 2003)

Com foco maior no jornalismo, as autoras de *Quem é todo mundo* enfatizam a responsabilidade social dos jornais no entendimento de mundo através da informação produzida (CASTILHO; RICCIARDI; SOUZA; KHALIL. 2009). Além da responsabilidade social em relação ao público exposto a uma produção midiática sobre pessoas com deficiência, é importante também lembrar que as próprias pessoas com deficiência merecem atenção na criação de conteúdos voltados para representá-las. Pereira e Vieira (2010) concluem que, para que os limites da produção de informação de qualidade dirigida às pessoas com deficiência se expandam, os jornalistas precisariam conhecer melhor as preferências e desejos desse segmento da sociedade.

As autoras também propõem uma nova maneira de abordar a imagem das pessoas com deficiência na mídia, tirando a condição do foco e trazendo outros assuntos à pauta:

Seria muito interessante que o jornalista trouxesse à tona a questão da pessoa com deficiência através de novos enfoques: ouvir a opinião delas sobre beleza, comportamento, sexualidade, moda, música, dança...; ouvir seus hábitos que, mesmo que diferentes – assim como são diferentes os hábitos entre os não-deficientes –, podem trazer ao público a visão de uma nova identidade e fazer com que eles se unam através das afinidades. (VIEIRA; PEREIRA. 2010)

Isso contribui bastante, como dito, não só para a ideia dos outros em relação a pessoas com deficiência, mas também para a imagem que eles próprios possuem sobre si. Como exposto no site da Federação Brasileira das Associações da Síndrome de Down, as atitudes e os comportamentos que demonstram apoio, estímulo e confiança na capacidade e potencialidades da criança contribuirão, portanto, para que ela vá construindo, aos poucos, uma autoimagem e autoestima positiva.

Dessa forma, percebe-se que a mídia não só deve estar atenta ao impacto daquilo que produz em relação a pessoas com deficiência na sociedade, mas também saber que a inserção feita de forma correta pode gerar um resultado positivo na vida das próprias pessoas com deficiência, que terão a oportunidade de se verem representadas além da deficiência em si.

6. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O período dedicado à realização do projeto foi de seis meses. Em janeiro de 2017, as autoras Camila Castro e Victoria Cristina Costa definiram o tema e começaram a estudá-lo, de forma que, nos primeiros dias de março - com o início do período letivo -, ambas entraram em contato com o professor Paulo José de Araújo Cunha para pedir orientações. No início de abril, as primeiras personagens da série documental já estavam definidas, e as gravações duraram até a primeira metade de maio. Os dias seguintes, até final de junho, foram dedicados à finalização do projeto.

Sendo assim, o primeiro passo foi a escolha do tema. A ideia inicial era criar um projeto voltado para alguma deficiência, mas não se sabia se intelectual ou física. Camila tinha interesse em estudar o autismo devido ao histórico na família, enquanto Victoria já estava com um projeto em andamento voltado para pessoas com deficiência auditiva. No entanto, a possibilidade de se descobrir a síndrome de Down ainda na gravidez foi o que motivou a curiosidade de ambas por conhecer histórias de mães cujos filhos têm a síndrome. Nesse momento, foi definido não apenas o tema, como também o foco na maternidade.

A partir de então, as autoras passaram a seguir uma metodologia de trabalho que pode ser dividida em cinco etapas: definição do formato a ser utilizado, seleção das personagens, preparativos para as gravações (pré-produção), produção e finalização do material.

6.1 FORMATO

Desde o início, já havia a intenção do projeto ter um caráter reflexivo, de possibilitar a inserção em uma nova realidade. Para isso, desejava-se que o formato fosse atrativo ao público e despertasse nele o interesse pelo tema. Logo, optou-se pela realização de um documentário - já que este, ao trabalhar com imagem em movimento e som, torna-se mais dinâmico que um projeto escrito.

Também foi cogitada a produção de uma grande reportagem. No entanto, enquanto a reportagem exige a presença de um narrador (seja por meio de passagem, *off*, etc.), “os depoimentos constitutivos de um documentário podem ser alinhavados uns aos outros sem a

necessidade de que uma voz exterior venha lhes dar coesão” (MELO; GOMES; MORAIS, 2001, p. 08). Como o projeto tem o intuito de retratar o olhar materno sobre a síndrome de Down, acreditou-se que um documentário sem narração seria a melhor escolha para dar voz apenas às mães que compartilham seus relatos.

Por fim, para facilitar o acesso do público ao projeto, decidiu-se fragmentar o documentário em episódios. A quantidade de capítulos e a temática de cada um deles seriam definidas quando as gravações estivessem finalizadas, a depender do conteúdo dos depoimentos - com atenção especial para situações que todas as mães enfrentaram ou tiveram algo a dizer.

A ideia de se trabalhar com episódios, e não um documentário inteiro, foi motivada pelo fato de que há uma maior probabilidade de vídeos menores com assuntos bem definidos circularem na *internet*. Dessa forma, as chances do documentário atingir um público grande são maiores, pois basta a pessoa assistir a apenas um dos episódios para que tenha conhecimento do projeto.

6.2 PERSONAGENS

A busca por possíveis personagens se iniciou com um levantamento de grupos voltados para a síndrome de Down em Brasília. Após pesquisas na internet, descobriu-se dois grandes grupos: Associação DF Down e Instituto Ápice Down, ambas entidades civis sem fins lucrativos constituídas por pais, familiares, profissionais, estudantes e amigos de pessoas com síndrome de Down.

Foram realizadas ligações e tentativas de contato com as duas entidades, até que, em uma visita à sede dos grupos, descobriu-se que ambas estavam fechadas por tempo indeterminado. Logo, o contato com amigos e conhecidos que pudessem indicar possíveis fontes foi reforçado.

A primeira personagem definida como participante do documentário foi Maria do Socorro Xavier, mãe da Valentina Xavier, de um ano de idade. Ela já era conhecida de uma das autoras do projeto e, ao ser contatada, aceitou de imediato colaborar com seu depoimento. Ela foi também a primeira entrevistada.

O contato com as personagens Tatiana Mares Guia (mãe do Augusto Mares Guia, de 16 anos) e Edvânia Pontes (mãe da Geovanna Pontes, de seis anos) foi feito no mesmo período de tempo. A participação delas no documentário foi uma sugestão do orientador do projeto e de uma colega das autoras, respectivamente. Assim como a primeira entrevistada, ambas aceitaram prontamente fazer parte do projeto. Mas devido aos compromissos pessoais de cada uma, as entrevistas com Edvânia aconteceram primeiro.

Durante o período de gravações com as três primeiras personagens, as autoras do projeto continuaram à procura de uma personagem grávida, já que foi a possibilidade de se descobrir o diagnóstico da síndrome de Down na gravidez que motivou a escolha do tema para o projeto. Foram realizadas buscas em grupos de redes sociais, levantamentos em notícias de jornais, contato com colegas que trabalhavam em maternidades e também com o Centro de Referência Interdisciplinar em síndrome de Down (CRIS Down), que funciona no Hospital Regional da Asa Norte (HRAN). No entanto, não houve nenhum retorno positivo.

Sendo assim, a quarta personagem – Edilsa da Silva, mãe do Bruno da Silva, de 31 anos – também foi sugestão de uma conhecida. Mas, antes do contato ter sido realizado, muitos questionamentos foram levantados pelas autoras do projeto. A realidade de uma criança com síndrome de Down há 31 anos era muito diferente de hoje em dia e um dos objetivos do documentário era justamente mostrar caminhos e opções atuais para mães que tiveram recentemente filhos com a síndrome. Todavia, concluiu-se que esse contraste de realidades poderia agregar bastante ao documentário e, assim, Edilsa foi a última entrevistada.

Apesar de as quatro personagens terem sido indicações de conhecidos, pouco se sabia previamente da história de cada uma. A única exigência feita pelas autoras era de não selecionar mães com filhos na mesma faixa etária, para que se tivesse pontos de vista de diferentes etapas da maternidade. Todos os depoimentos foram compostos de relatos inesperados.

6.3 PRÉ-PRODUÇÃO

A etapa de pré-produção teve início logo após o tema do projeto ter sido definido. Pelo fato das autoras não conviverem com pessoas com síndrome de Down, ter esse primeiro contato estando no papel de jornalista foi um desafio. Logo, a preparação para as entrevistas,

a pesquisa de quais termos utilizar - seria a síndrome de Down uma deficiência? É correto falar “portador da síndrome”? - e até mesmo o estudo sobre a síndrome em si foi algo que demandou bastante tempo.

Foram realizadas diversas pesquisas em livros e artigos na internet, além da procura por produtos audiovisuais que abordassem a síndrome (vide Referências Audiovisuais). Nesses estudos, foi possível notar a existência de temas recorrentes, como inclusão, preconceito, reações da família ao receber a notícia e cuidados exigidos pela síndrome. Esses tópicos foram utilizados como referência para a elaboração das perguntas para as entrevistas.

Após o contato com as mães ter sido feito, iniciou-se o processo de organização das gravações. Para ajudar na produção, foi feito o convite para que Ana Paula Fonseca e Carolina Forattini Igreja, estudantes de Audiovisual na Universidade de Brasília (UnB), integrassem a equipe na função de produtoras. Sendo assim, o contato inicial com as mães foi responsabilidade das autoras do projeto Camila Castro e Victoria Cristina Costa, porém a marcação dos dias, horários e locais das entrevistas era feita pela produção.

A decisão de se ter uma equipe de produção contribuiu bastante no sentido de agilizar os preparativos da gravação. Além das funções já exposta, a produção também ficou responsável por reservar os equipamentos de fotografia e som e conseguir autorização de imagem dos participantes do projeto e para filmar em locais que exigiam permissão (vide Anexos) - como, por exemplo, no CRIS Down, que funciona no HRAN, onde a Valentina Xavier faz fisioterapia motora. Desse modo, Camila e Victoria conseguiam se dedicar a outros preparativos das entrevistas.

Antes de cada gravação, Victoria fazia a “ordem do dia” (vide Apêndices) com todas as informações relevantes - como horário de início e término da filmagem, endereço da locação, equipamentos necessários e telefones para contato - e enviava para a equipe, enquanto Camila ficava responsável por elaborar as perguntas que seriam feitas nas entrevistas. Antes de se iniciarem as gravações, foram pensadas algumas perguntas gerais, que seriam feitas para todas as mães, mas algumas perguntas específicas também foram elaboradas para cada uma delas, de acordo com sua peculiaridade em relação às outras - como o caso da síndrome rara do Guilherme (segundo filho da Tatiana), ou a equoterapia da Geovanna (filha de Edvânia).

6.4 PRODUÇÃO

As gravações aconteceram no período de seis semanas. Foram feitos dois tipos de registro com cada uma das mães: a entrevista, na qual eram relatadas as experiências da maternidade, e o acompanhamento de alguma atividade exercida pelo filho - no caso, foram registradas aulas de fisioterapia, equoterapia, escola de ensino especial e natação.

Camila e Victoria dividiram a direção do documentário, sendo que uma ficou responsável por dirigir as entrevistas com as mães e outra pela direção da equipe, respectivamente. Além disso, Camila também ficou responsável pela fotografia e edição do documentário e Victoria pela captura e mixagem de som.

Durante as entrevistas, as personagens foram fotografadas em primeiro plano (do busto para cima) e em close (próximo ao rosto). O uso de dois tipos de enquadramentos traria uma maior variedade de cenas para o momento da edição. Sendo assim, Camila posicionava a câmera em primeiro plano no tripé próximo a ela e se dedicava a conduzir a entrevista, enquanto as filmagens de closes eram feitas por Anderson Lopes, estudante de Audiovisual na UnB. Houve dois dias nos quais Anderson não pôde comparecer, então Rafael Beppu e Sofia Todd (também estudantes de Audiovisual na UnB) fizeram as filmagens em seu lugar.

Já as gravações das atividades dos filhos foram feitas com apenas uma câmera. Como não havia necessidade de entrevistas nesses dias, as filmagens ficaram sob responsabilidade de Camila. Os enquadramentos utilizados foram variados.

A equipe de produção esteve presente em todos os dias de gravação. Ana Paula Fonseca e Carolina Forattini Igreja se revezaram - ou, quando possível, ambas estiveram presentes - para acompanhar todas as filmagens, fazer o transporte dos equipamentos e cuidar de possíveis contratempos.

Em relação ao calendário de gravações, a disponibilidade das mães era bastante limitada devido aos compromissos dos filhos, o que exigiu da equipe de produção uma atenção maior - principalmente com a reserva dos equipamentos - para que todas as datas disponíveis das personagens fossem utilizadas e as filmagens terminassem dentro do prazo estipulado.

O fato da equipe ter se dedicado bastante à etapa de pré-produção fez com que as gravações no geral acontecessem conforme o esperado, tendo ocorrido apenas um imprevisto que afetou a produção.

No dia da primeira entrevista, com a personagem Maria do Socorro, um problema com o equipamento de som impediu a continuidade da gravação e fez com que fosse preciso marcar outro dia para finalizá-la. Metade da entrevista havia sido gravada e, enquanto ainda ocorriam tentativas de arrumar o gravador, imagens de cobertura da Valentina com as irmãs foram registradas.

No entanto, apesar do transtorno, o ocorrido serviu de aprendizado. A partir de então, sempre havia mais de uma opção de equipamento para a captura do som, além de baterias extras para as câmeras e computadores caso fosse preciso esvaziar os cartões de memória.

No decorrer das gravações, as diretoras sentiram a necessidade de ir atrás de uma fonte que pudesse dar maiores explicações sobre a síndrome de Down. Por isso, foi realizada uma entrevista com a doutora Moema Arcoverde, pediatra especializada na síndrome que atende no CRIS Down, localizado no HRAN.

No total, foram dez dias de gravação: quatro dias para entrevistar cada uma das mães, um dia a mais para finalizar a entrevista com Maria do Socorro - devido aos problemas com o equipamento de som no primeiro dia -, quatro dias para acompanhar as atividades dos filhos e um dia para entrevistar a doutora Moema.

6.5 PÓS-PRODUÇÃO

Finalizadas as gravações, o passo seguinte foi pensar no título definitivo do projeto. Para fins de autorização de gravação e uso de imagem, o título provisório pensado para ele era “Convivendo com a Síndrome de Down”. A ideia era utilizar uma combinação das palavras “maternidade” e “síndrome de Down”, mas a preferência por um nome menor fez com que se optasse pela criação de algo metafórico.

Na lista de referências audiovisuais das autoras estava o documentário O Sal da Terra - dirigido pelo alemão Wim Wenders e pelo brasileiro Juliano Salgado -, no qual, logo no início, a fala de um entrevistado termina com os dizeres “o sal da Terra” e em seguida aparece

o título na tela. A ideia de alguma personagem “chamar” o título agradou as autoras, já que ele deveria remeter às experiências relatadas pelas mães.

Durante a decupagem das gravações, chamou a atenção um trecho da entrevista com a personagem Tatiana Mares Guia, no qual ela diz: “quando a gente engravida, você escreve uma história, escreve um roteiro. No dia que eu descobri que ele tinha síndrome de Down eu peguei toda aquela novela que eu tinha escrito, rasguei e joguei fora. E eu estou escrevendo um livro, uma página por dia, até hoje”.

A escolha de um formato seriado para o documentário permitiu compará-lo a um livro, no qual cada episódio é um capítulo escrito pelas mães que registram suas experiências sobre temas específicos da maternidade. Decidiu-se, então, que o projeto seria chamado Uma Página por Dia. Com o título definido, iniciou-se a etapa de edição do material e criação da identidade visual.

6.5.1 LINGUAGEM AUDIOVISUAL

A edição do documentário e mixagem de som ficaram sob responsabilidade das diretoras do projeto Camila Castro e Victoria Cristina Costa, respectivamente. O primeiro passo foi tratar os áudios das entrevistas, para que eles pudessem ser sincronizados com os vídeos e iniciar o processo de montagem do material.

Em seguida, foi feita a decupagem de todas as gravações. Os melhores trechos foram selecionados e agrupados conforme o assunto, para que se pudesse decidir a temática final dos episódios. Em relação à quantidade, optou-se por fazer quatro episódios de sete minutos e meio (para que, juntos, durassem meia hora), de forma que cada mãe pudesse se destacar em um deles.

Nas entrevistas, todas as personagens relataram a forma como souberam do diagnóstico, comentaram sobre as atividades acompanhadas pelas equipes, compartilharam histórias de superação dos filhos e três mães expuseram experiências negativas com preconceitos de terceiros. Desse modo, os temas finais escolhidos para os episódios foram: notícia, cuidados, preconceito e superação. Apesar de Maria do Socorro - mãe da Valentina,

de um ano - não ter passado por nenhum episódio de discriminação, acreditou-se que seria interessante abordar a temática ainda assim, para estimular o debate sobre preconceito.

No decorrer da edição, algumas escolhas quanto à linguagem audiovisual tiveram de ser tomadas. Optou-se por intercalar os depoimentos das mães, tornando o documentário mais dinâmico; sempre associar - ao menos no início do episódio - a imagem do filho à mãe que estiver falando; e não utilizar efeitos de transição entre os vídeos, para manter o ritmo das narrações.

A solução encontrada para que cada episódio fosse “independente” - ou seja, não fosse necessário assisti-los em sequência para entender o enredo - foi iniciar o capítulo com a narração de alguma frase dita por uma das mães que introduzisse a temática do episódio, enquanto passam cenas dos filhos como imagens de cobertura. Em seguida, apareceria a vinheta e somente então começaria de fato o episódio.

Assim, não seria necessário fazer uma apresentação das mães no início de cada capítulo, já que a duração dos episódios é relativamente curta para a quantidade de conteúdo que se deseja apresentar. Essa escolha também resolveu a maneira como cada mãe iria se “destacar” em um dos episódios - a mãe que fizesse a narração também seria a primeira a aparecer em cena.

Para a criação da vinheta, foi utilizada a filmagem do nascer do sol como forma de retratar o início de um novo dia no qual as mães escrevem uma página de seus livros, de um novo episódio com novas experiências. Já a forma como os dizeres “Uma página por dia” surgem na tela, como se alguém os estivesse escrevendo, remete à ideia da escrita dessa nova página do dia, desse novo capítulo que acabara de começar.

Além disso, também foi decidido que tanto a entrevista com a doutora Moema Arcoverde quanto o breve relato do professor de natação do Augusto, Luciano Terra, não entrariam na montagem do documentário. Essa decisão foi tomada para fazer com que os únicos personagens que pudessem ocupar um lugar de fala fossem as mães. Dessa maneira, foi reforçado o intuito do documentário de apenas expor a realidade e o ponto de vista de mães que convivem diariamente com a síndrome de Down.

Quanto à trilha sonora, o orientador do projeto Paulo José Cunha havia sugerido que fossem criadas músicas originais - o que não só tornariam o trabalho mais singular, como também evitaria possíveis transtornos com direitos autorais. De início, o curto prazo para a

finalização do documentário fez com que se questionasse a proposta, mas se optou por fazê-la mesmo assim. Foi realizado, então, um convite para que Pedro Sales, estudante de Engenharia de Software na UnB e violonista, fizesse a composição das melodias.

Com a montagem dos episódios já finalizada, Pedro compôs as músicas especificamente para as cenas editadas - em especial para a vinheta e abertura. As gravações foram feitas de forma caseira, com microfone de lapela, e posteriormente tratadas por Victoria para melhorar a qualidade.

Para o encerramento dos episódios, optou-se por mostrar uma frase de destaque de alguma personagem - no caso, da mesma mãe que fez a narração inicial. Essa escolha, além de evitar o simples uso de uma música de fundo com imagens de cobertura para a finalização - o que também já foi feito em outras cenas do documentário -, agrega mais conteúdo ao projeto e reforça a ideia de que o episódio seria um capítulo do livro escrito pelas mães.

6.5.2 IDENTIDADE VISUAL

Toda a identidade visual do projeto - inclusive a animação da vinheta, na qual se “escreve” o título do documentário na tela - foi feita com a ajuda de João Victor Maciel, estudante de Publicidade e Propaganda na UnB.

Em relação à tipografia, optou-se por *Nickainley Normal* como fonte principal, já que o estilo cursivo das letras reforça a ideia de que os episódios do documentário seriam capítulos desse livro que as mães escrevem diariamente. Houve uma série de testes com as fontes (vide Anexos), até se chegar à arte final:



Uma página
por dia

Figura 1 - Marca “Uma página por dia”

Já a fonte secundária *Cabana* foi escolhida para equilibrar e ajudar na legibilidade de outros possíveis dizeres da tela e na capa do DVD. Ela foi escolhida após ser testada (vide Anexos) junto a todas as fontes que haviam sido cogitadas como principais, e posteriormente adicionada à arte final da capa do DVD - que também passou por testes feitos por João Victor (vide Anexos):



Figura 2 - Capa final do DVD do projeto

A arte é composta por linhas que formam seis desenhos, representando o crescimento e as etapas da vida de uma criança ao lado de sua mãe. O primeiro deles é um pé, remetendo à caminhada que ambos precisarão fazer a partir da chegada da criança com síndrome de Down. Ele é seguido pelo desenho de uma pessoa, a mãe, que tem o filho em seus braços, como pode ser observado no terceiro desenho. O quarto desenho, caracterizado por dois balões de conversa, representa a comunicação entre mãe e filho. Por mais que muitas pessoas com síndrome de Down tenham dificuldade em se expressar por meio da fala, era visível nas gravações a facilidade de compreensão das mães. Por último, o sexto desenho, uma gravata, representa o crescimento do filho e sua passagem para a vida adulta.

Como afirmam Ana Beatriz Taube Stamato, Gabriela Staffa e Júlia Piccolo Von Zeidler no artigo *A influência das Cores na Construção Audiovisual*:

Ao contrário do que todo mundo pensa as cores são muito mais do que apenas estética, elas possuem significados que vão muito além de nossa visão superficial das coisas. São capazes de influenciar em nossas atitudes e no ambiente em geral, além de atingirem um maior número de pessoas por não possuírem barreiras linguísticas. (STAMATO; STAFFA. VONZEIDLER. 2013)

Assim, era de suma importância haver uma reflexão atenta à paleta que seria escolhida para representar o filme. Como as autoras optaram por interferir o menos possível nos elementos presentes nas locações, a escolha das cores foi feita apenas com o término das gravações.

Dessa maneira, as cores escolhidas para compor o fundo degradê da arte foram laranja e azul claro. O laranja, por ser uma cor quente, traz a ideia de energia e força, enquanto o azul claro já remete à mansidão e paciência - todas características importantes identificadas nas personagens da série documental, no que diz respeito à criação de seus filhos com síndrome de Down.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante os seis meses dedicados à produção e realização do projeto, foi possível chegar a algumas conclusões acerca das questões levantadas no início. A primeira é a de que o momento da notícia fica marcado para sempre na memória das mães. Mesmo aquelas que o vivenciaram há décadas conseguiram descrever com detalhes a forma como tudo aconteceu e o que sentiram ao saber da condição do filho.

Percebeu-se também que o modo como o diagnóstico é informado à mãe influencia muito no primeiro impacto do recebimento da notícia, o que gerou novos questionamentos: será que é preciso haver uma preparação melhor dos médicos responsável por informar o diagnóstico? Como cuidar para que outras mães não passem por isso?

Também foi possível notar que os serviços oferecidos para o estímulo de pessoas com síndrome de Down aumentaram significativamente nas últimas décadas, principalmente no âmbito público. Dessa forma, atividades que antes exigiam que as mães tivessem recursos para poder usufruir - como equoterapia, por exemplo -, hoje se tornou mais acessível. Prova disso é o Centro de Referência Interdisciplinar em Síndrome de Down - CRIS Down, que funciona no Hospital Regional da Asa Norte e oferece tratamentos completos e gratuitos.

Outro fato que se pode notar com o acompanhamento da rotina das famílias é que a síndrome de Down realmente afeta a vida de todos os que convivem com ela, já que a pessoa nessa condição necessita de estímulos desde pequena (como relatam as mães e como é visto com a Valentina) e continua fazendo atividades até a juventude e fase adulta (como o Augusto e o Bruno). Tudo isso exige uma grande movimentação da família.

Mesmo sendo complicado no início - seja por problemas de rejeição, como no caso de Edvânia, ou por internações constantes do bebê, como aconteceu com Socorro -, todas as mães acabaram criando um laço emocional muito forte com seu filho. Uma possível razão é a dependência que eles têm das mães, o que proporciona mais tempo de convivência e consequente aumento no afeto desta para com a criança.

Por ser o primeiro documentário feito pelas autoras, houve um grande aprendizado não apenas em relação à síndrome, como também pessoal e profissional. Primeiramente, percebeu-se a importância de ter um planejamento bem feito e uma boa margem de tempo

para a produção. Como apenas em janeiro o projeto teve início, a dupla ficou com um tempo de planejamento bastante reduzido, o que acabou gerando um calendário “apertado”.

Em relação às gravações, foi de extrema importância ter filmagens além das que haviam sido pensadas. No produto final, entraram cenas que não estavam no plano inicial, mas que enriqueceram o documentário ao retratar com naturalidade a interação entre os filhos com síndrome de Down, a família e até mesmo a equipe - como pode ser observado nas cenas em que Geovanna mexe com os equipamentos e conversa com o fotógrafo Anderson.

Criar e conduzir uma equipe foi um grande desafio. Por serem as “últimas vozes” em qualquer decisão relacionada ao documentário e serem constantemente procuradas pela equipe para esclarecimento de dúvidas, as diretoras notaram a responsabilidade de se ocupar essa posição e a importância de estarem sempre alinhadas.

Também foi preciso saber escutar sugestões dos membros da equipe e até mesmo lidar com opiniões contrárias às das autoras durante a realização do projeto. Ao se fazer um produto audiovisual que envolva uma equipe, ele nunca ficará da maneira como uma ou outra pessoa o imaginou, mas sim o resultado de todas as contribuições feitas no processo de realização.

Ao longo das gravações, foi preciso pensar sempre em um plano reserva para o caso de algo não sair como o esperado, principalmente após o problema na captura de som do primeiro *set* com Maria do Socorro. A partir de então, a equipe sempre continha baterias extras, mais de uma lapela para o microfone e equipamentos de iluminação - por mais que as gravações fossem feitas ao ar livre e de dia -, de modo a garantir que não seria mais perdido um dia de filmagem por problemas com equipamento.

No momento da edição, houve informações que as diretoras cogitaram cortar, o que poderia gerar ruídos na mensagem que seria passada ao público. Por essa razão, elas tiveram de se lembrar constantemente que o espectador não necessariamente sabe de tudo o que a dupla aprendeu em relação à síndrome de Down ao longo da produção, e que era preciso passar todas as informações de forma clara.

Uma situação marcante para a equipe foi a filmagem no Centro de Ensino Especial 01 de Taguatinga, local no qual Bruno estuda. O contato com crianças e adultos com outras síndromes e deficiências foi, de fato, enriquecedor. As professoras explicavam a todo momento o que cada uma das pessoas que estavam ali tinha, além de contarem um pouco da

história de vida dos alunos. Mesmo já conhecendo um pouco do trabalho feito pela escola, apenas “indo a campo” é que foi possível ver de perto casos de dificuldade e vitórias vivenciados por pessoas com deficiência e por suas famílias.

Mesmo tendo lido muito sobre a síndrome de Down e sobre famílias de pessoas com a condição, foi muito diferente para a dupla aprender pela perspectiva das mães, com seus depoimentos e histórias. Não há como não se emocionar em um momento no qual a mãe chora ao falar sobre a inclusão do filho. É ao estar em contato direto com essas mães e seus filhos que se pode perceber a conexão entre o documentarista e a pessoa documentada. Após um tempo, as autoras não eram mais apenas repórteres e as mães não eram mais apenas personagens. Havia, ali, uma relação mais próxima entre todos os envolvidos.

Percebeu-se também a importância de não intervir na realidade e não tentar forçar resultados prévios para o documentário. O único requisito da dupla em relação às mães que entrariam no documentário era um determinado intervalo de idade entre os filhos, para que se tivesse diferentes pontos de vista nos relatos, como foi explicado nas Questões Metodológicas. De resto, já era esperado que as histórias das mães que convivem diariamente com a síndrome de Down seriam por si só interessantes. E, de fato, foram.

8.1 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMARGO, s.p.h; BOSA, c.a; **Competência social, inclusão escolar e autismo: revisão crítica da literatura.** In: Psicologia & Sociedade; 2009 21 (1): p 65-74

CASTILHO, Stella de Oliveira RICCIARDI, Marina SOUZA, Maísa KHALIL, Helena. **Quem é todo mundo?** 1º Simpósio Internacional de Televisão Digital (SIMTVD) - Bauru/SP. 27 p

CHAVES, Garcia Moreno Vieira. **Síndrome de down, um problema maravilhoso.** Brasília: Graf Itamarati, 1998. 147 p

COUTO, Thaís Helena Andrade Machado; TACHIBANA, Miriam; AIELLO-VAISBERG, Tania Maria José. **A mãe, o filho e a Síndrome de Down.** 2007. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v17n37/a10v17n37.pdf>>. Acesso em 07 de junho de 2017.

DOWN, JL. **Observations on the ethnic classification of idiots.** In: London Hospital Clinical Lectures and Reports. 1886. P 259-62.

GAUTHIER, Guy. **O documentário: um outro cinema.** Editora Papirus. 2011. 432 p.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Ser ou estar, eis a questão: explicando o déficit intelectual.** 2. ed. Rio de Janeiro: Wva, 2000. 174 p.

MATTOS, Carlos Alberto. **Eduardo Coutinho: o homem que caiu na real.** In: Festival de Cinema Luso-Brasileiro de Santa Maria da Feira. Portugal, 2003. 120 p.

MELO, Cristina Teixeira V. de; GOMES, Isaltina Mello; MORAIS, Wilma. **O documentário jornalístico, gênero essencialmente autoral.** In: Intercom - 25º Congresso Brasileiro de Comunicação, Campo Grande, 2001, Disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2001/papers/NP7MELO.PDF>> Acesso em 15 de junho de 2017

MINISTÉRIO DA SAÚDE, **Diretrizes de atenção à pessoa com Síndrome de Down** / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. – 1. ed., 1. reimp. – Brasília : Ministério da Saúde, 2013. 60 p. : il.

MOREIRA, Lilia; EL-HANI, Charbel, GUSMÃO, Fábio. **A síndrome de Down e sua patogênese: considerações sobre o determinismo genético.** In: Rev Bras Psiquiatr. 2000; 22(2): p 96-9

RAMOS, Fernão Pessoa. **Mas afinal... o que é mesmo documentário?** Senac São Paulo. 2008; 447 p

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Terminologia sobre deficiência na era da inclusão.** In: Revista Nacional de Reabilitação, São Paulo, ano 5, n. 24, jan./fev. 2002, p. 6-9

SCHIAVO, Marcio Ruiz. et al. **Perfil das percepções sobre as pessoas com síndrome de down e do seu atendimento: Aspectos qualitativos e quantitativos.** In: Fed Bras Assoc Síndrome De Down, Brasília, 1999. 157 p.

SILVA, n.l.p; DESSEN, m. a. **Síndrome de Down: etiologia, caracterização e impacto na família.** In: Interação em Psicologia, 2002, 6(2), p. 167-176. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/3304/2648>> Acesso em 15 de Junho de 2017.

STAMATO, Ana Beatriz Taube; STAFFA, Gabriela. VON ZEIDLER, Júlia Piccolo. **A Influência das Cores na Construção Audiovisual.** In: XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – Bauru - SP. 2013. 12 p. Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/sudeste2013/resumos/R38-1304-1.pdf>> Acesso em: 15 de junho de 2017.

TUNES, Elizabeth; PIANTINO, Lurdes Danesy. **Cadê a síndrome de down que estava aqui? O gato comeu...: o programa da Lurdinha.** 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2006. 143 p.

VARGAS, l.m; VARGAS, t.m; CANTORANI, j.r.h; GUTIERREZ, g.l; PILATTI, l.a. **Deficiência intelectual: origens e tendências em conceitos sob a ótica do constructo social.** In: Revista Stricto Sensu. Ponta Grossa – PR – Brasil v. 01, n. 01, jan./jun. 2016, p. 12-21

VIEIRA, Suellen; PEREIRA, Ariane. **A Deficiência nas páginas do jornal Folha de Londrina: analisando o discurso da inclusão.** In: Mídia Cidadã 2009 – V Conferência Brasileira de Mídia Cidadã, 2009. Guarapuava. Anais. Guarapuava, 2009 p. 7-29.

WUO, Andréa Soares. **A construção social da síndrome de Down.** In: Cad. psicopedag. v.6 n.11. São Paulo. 2007. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-10492007000100002> Acesso em 07 de Junho de 2017.

8.2 REFERÊNCIAS AUDIOVISUAIS

ARTHUS-BERTRAND, Yann. **Humans**. Produção: Jean-Yves Robin. 149'. EUA/França, 2016.

COUTINHO, Eduardo. **Edifício Master**. Produção: Maurício Andrade Ramos e João Moreira Salles. 110' Brasil, 2002

COUTINHO, Eduardo. **Jogo de Cena**. Produção: João Moreira Salles e Maurício Andrade Ramos por VideoFilmes e Guilherme Cezar Coelho por Matizar. 104' Brasil, 2007

DAVIS, Ron. **Miss You Can Do It**. Produção: Ron Davis, Clay Westervelt, Julie Anderson. 85' EUA, 2013.

EVANGELISTA, Fernando; KROEGER, Juliana. **Fibra**. Produção: Fernando Evangelista e Juliana Kroeger. 15'. Brasil, 2012

JARDIM, João; CARVALHO, Walter. **Janela da Alma**. Produção: Flávio R. Tambellini e João Jardim. 72'. Brasil, 2001.

MOCARZEL, Evaldo. **Do Luto à Luta**. Produção: Leila Bourdoukan. 75' Brasil, 2005.

MESQUITA, Marcelo. **Paratodos**. Produção: Sala 12 Filmes e Barry Company. 110' Brasil, 2016.

WENDERS, wim. SALGADO, juliano ribeiro. **O Sal da Terra**. Produção: David Rosier. 110' Brasil/França, 2015

ZENNER, Zeca. **Noite Sem Fim**. Produção: Sylvio Lima, João G. Caffarelli, Zeca Zenner, Danilo Sueiro, Ana Marta, Valquíria Sousa, Roberta Quintino. 15'. Brasil, 2013

9. ANEXOS

9.1 AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Convivendo com a Síndrome de Down

Brasília, ____ de Abril de 2017

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Pelo presente Instrumento Particular neste ato, eu _____, nacionalidade _____, estado civil _____, inscrita no CPF sob nº _____, AUTORIZO sem qualquer ônus, o uso de sua imagem em todo e qualquer material produzido, entre fotos, gravações e documentos, para ser utilizada em filmes, campanhas promocionais, institucionais ou de todo teor que haja vinculação com o documentário Convivendo com a Síndrome de Down, sendo essas destinadas à divulgação ao público em geral (está induso o direito de não utilizar parte ou todo o material registrado durante o processo). A presente autorização é concedida a título gratuito e abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, das seguintes formas: (I) out-door; (II) busdoor; (III) folhetos em geral (encartes, mala direta, catálogo, etc.); (IV) folder de apresentação; (V) anúncios em revistas e jornais em geral; (VI) home page; (VII) cartazes; (VIII) back-light; (X) mídia eletrônica (painéis, vídeo-tapes, televisão, cinema, programa para rádio, entre outros); (XI) mídias digitais (Facebook, Twitter, Instagram, Youtube, entre outros). O “filme” poderá ser explorado, sem limite de tempo, em todo o mundo e todas suas versões dubladas e legendadas, em todas as plataformas e mediante todos os meios atualmente conhecidos ou desconhecidos. Através dessa, também fazem a CESSÃO a título gratuito e sem qualquer ônus de todos os direitos relacionados às suas imagens na produção do documentário. A presente autorização e cessão são outorgadas livres e espontaneamente, em caráter gratuito, não incorrendo a autorização em qualquer custo ou ônus, seja à que título for, sendo que estas são firmadas em caráter irrevogável, irretratável, e por prazo indeterminado, obrigando, inclusive, eventuais herdeiros e sucessores outorgantes. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito e assino a presente autorização em 02 vias de igual teor e forma.

Assinatura (Responsável Legal)

Nome, Sobrenome:

9.2 AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM - MENOR DE IDADE

Convivendo com a Síndrome de Down

Brasília, ____ de Abril de 2017

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

(MENOR DE IDADE)

Pelo presente Instrumento Particular neste ato, eu _____, nacionalidade _____, estado civil _____, inscrita no CPF sob nº _____, responsável pela menor _____, nacionalidade _____, portadora do RG de nº _____, inscrita no CPF sob nº _____. AUTORIZO sem qualquer ônus, o uso de sua imagem em todo e qualquer material produzido, entre fotos, gravações e documentos, para ser utilizada em filmes, campanhas promocionais, institucionais ou de todo teor que haja vinculação com o documentário Convivendo com a Síndrome de Down, sendo essas destinadas à divulgação ao público em geral (está incluso o direito de não utilizar parte ou todo o material registrado durante o processo). A presente autorização é concedida a título gratuito e abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, das seguintes formas: (I) out-door; (II) busdoor; (III) folhetos em geral (encartes, mala direta, catálogo, etc.); (IV) folder de apresentação; (V) anúncios em revistas e jornais em geral; (VI) home page; (VII) cartazes; (VIII) back-light; (X) mídia eletrônica (painéis, vídeo-tapes, televisão, cinema, programa para rádio, entre outros); (XI) mídias digitais (Facebook, Twitter, Instagram, Youtube, entre outros). O “filme” poderá ser explorado, sem limite de tempo, em todo o mundo e todas suas versões dubladas e legendadas, em todas as plataformas e mediante todos os meios atualmente conhecidos ou desconhecidos. Através dessa, também fazem a CESSÃO a título gratuito e sem qualquer ônus de todos os direitos relacionados às suas imagens na produção do documentário. A presente autorização e cessão são outorgadas livres e espontaneamente, em caráter gratuito, não incorrendo a autorização em qualquer custo ou ônus, seja à que título for, sendo que estas são firmadas em caráter irrevogável, irretroatável, e por prazo indeterminado, obrigando, inclusive, eventuais herdeiros e sucessores outorgantes. Por esta ser a expressão da minha vontade dedaro que autorizo o uso acima descrito e assino a presente autorização em 02 vias de igual teor e forma.

Assinatura (Responsável Legal)

Nome, Sobrenome:

9.3 CARTA DE APRESENTAÇÃO PARA GRAVAÇÃO NO HRAN

Brasília, 10 de Abril de 2017.

Carta de Apresentação

Venho por meio desta, apresentar o documentário intitulado **Convivendo com a Síndrome de Down**, projeto de Conclusão de Curso idealizado e produzido por duas formandas do curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, com apoio de outros alunos da instituição e profissionais já consolidados na área.

O documentário visa apresentar o contexto de após a notícia da gravidez, mais uma surgir inesperadamente: o novo membro da família tem Síndrome de Down. E agora? O que fazer daqui pra frente? O documentário Convivendo com a Síndrome de Down mostra a experiência de de algumas mães na criação dos filhos com trissomia no 21º cromossomo. Com pessoas de diferentes idades, os cinco episódios abordam desde o momento da notícia até a superação dos obstáculos enfrentados pelas mães – passando, inclusive, por assuntos como inserção escolar, discriminação e momentos de superação.

O objetivo, além do processo de aperfeiçoamento técnico e produto obrigatório para finalização do curso, é desenvolver um conteúdo audiovisual dinâmico, interessante e até instrutivo para ajudar futuras mães que possam vir a passar pela mesma situação. A veiculação será realizada através do Youtube e posteriormente em eventos relacionados a saúde e que abordem o tema.

Através desta, nos comprometemos em não denegrir ou violar à imagem do local e usufruir do espaço apenas sob autorização dos responsáveis.

Atenciosamente,
Ana Paula Fonseca.

Produtora

9.4 TESTE DE FONTES

Uma página por dia.

**Uma página
por dia.**

*Uma página
por dia.*

**UMA PAGINA
POR DIA.**

*Uma página
por dia*

**UMA PAGINA
POR DIA.**

*Uma página
por dia.*

EDIVÂNIA

mãe

DOCUMENTÁRIO

Documentário

9.4 TESTES DE CAPA



10. APÊNDICES

10.1 RELATÓRIO DE PRODUÇÃO

DIA	OBJETIVO	DETALHES
10/03/17	Reunião de Orientação 1	Já na primeira vez que conversamos com o orientador, quando apresentamos a ideia do projeto e fizemos o convite para a orientação, foi-nos sugerido que já procurássemos o que existe no cenário audiovisual - principalmente documentários - relacionados à deficiência e à síndrome de Down. Foi o início da nossa produção.
05/04/2017	Reunião de Equipe	Nos reunimos com a equipe completa para termos um melhor alinhamento de todos em relação ao projeto e sanarmos possíveis dúvidas de realização e disponibilidade de horário de todos. Apresentamos o projeto de forma mais completa e para todos.
07/04/2017	Reunião de Identidade Visual 1	Para nos ajudar a pensar e construir a identidade visual do projeto, convidamos o designer João Victor Maciel. Na primeira reunião que tivemos com ele, apresentamos o projeto e ideias para a paleta de cores. ficou acordado que na reunião seguinte fecharíamos a paleta e as fontes, além de que iríamos procurar referências para a animação da abertura.
10/04/2017	Gravação 1: Fisioterapia da Valentina	A primeira gravação aconteceu no Hospital Regional de Taguatinga (HRAN), das 16h às 16h40. Acompanhamos uma sessão de fisioterapia da Valentina com a doutora Luciane Amorim. Para poder gravar no HRAN, é necessária uma autorização prévia do hospital que permita filmagens em suas instalações. Dessa forma, a produtora Ana Paula

		<p>Fonseca fez o contato com o hospital e conseguiu a autorização de gravação por meio de uma solicitação via e-mail. Foi neste encontro que tivemos o primeiro contato direto com o Cris Down, um centro focado no tratamento de pessoas com síndrome de Down e local no qual Valentina faz fisioterapia. As imagens de cobertura que pensamos em capturar nos acompanhamento não precisavam, necessariamente, da captação de um som direto. Porém pensávamos ser melhor sempre captar o áudio e deixar para decidir na edição o que seria usado e o que não seria. Dessa maneira, sempre precisaríamos de, no mínimo, uma câmera e um gravador de som. Por falha na comunicação entre a produção e a direção, ninguém pegou o gravador. Para não ficarmos sem o áudio, a captação foi feita pelo gravador do celular. Após essa gravação ficou decidido que a produção seria responsável por pegar todos os equipamentos, para não haver mais esse tipo de erro. Também decidimos, a partir desse momento, fazer sempre ordens do dia para cada set. Elas ajudam muito na organização da equipe e na listagem dos equipamentos. Para facilitar na comunicação entre direção e equipe, decidimos dividir a direção em dois: direção de equipe e direção de set. A primeira ficou sob responsabilidade de Victoria, que deveria sempre coordenar e gerenciar tudo que envolvesse a pré-produção do set. A segunda direção ficou sob o encargo de Camila, que foi a voz de comando durante as gravações.</p>
12/04/2017	Gravação 2: Entrevista Dona Socorro	<p>Após acompanharmos uma atividade da Valentina, havia chegado o momento de conversar com a Maria do Socorro, também chamada de Dona Socorro. Optamos por fazer as entrevistas na casa das mães, para mostrar uma pouco mais</p>

		<p>da intimidade da família e do ambiente no qual ela e o filho ou a filha vivem. Assim fomos para Vicente Pires gravar com a Dona Socorro, tendo a equipe inteira em set. A entrevista estava seguindo normalmente até que precisou ser interrompida por causa da memória cheia do gravador de som. Ao conectarmos no computador para passar os arquivos, o gravador apagou e não conseguíamos religá-lo. Mesmo conectando-o diretamente na tomada, uma vez que o problema podia ser a pilha, ele não voltou a funcionar. A constatar que não daria para continuar a entrevista, decidimos marcar um retorno. Para não perder o resto do dia de gravação, capturamos algumas imagens de cobertura com a família da Valentina, obtendo o som por meio do gravador do celular.</p>
19/04/2017	Gravação 3: 2ª Entrevista Dona Socorro	<p>O segundo dia de entrevista, como visto, não foi planejado e neste dia Anderson não poderia estar no set e apenas a Carolina nos acompanhou. A ideia era fazer essa gravação como se a mesma tivesse acontecido no mesmo dia primeira. Ou seja, sem mudança de enquadramento, da organização do espaço no qual a Dona Socorro estava e até a roupa que ela usava. Decidimos fazer dessa forma para não precisarmos ter planos de "direção de arte" diferentes com as outras mães também. Para conseguirmos tudo isso, deixamos algumas marcações do dia do primeiro set e tiramos fotos para garantir uma maior fidelidade do "cenário" anterior. Após checarmos se estava parecido e adaptarmos a disposição de alguns elementos da cena, a fotografia estava pronta. Neste dia o gravador de som era do mesmo modelo que o da última gravação, porém ligava normalmente. Dessa vez o problema foi a lapela, que não</p>

		<p>estava captando - apenas o microfone exterior. Como a luz estava mudando muito rápido naquele dia, com o agravante de ser uma externa, decidimos captar por meio de microfone de fone de ouvido do celular.</p>
25/04/2017	Gravação 4: Equoterapia da Geovanna	<p>Por motivos de disponibilidade de equipe e da família da Dona Edvânia, fizemos da mesma forma que aconteceu com a Dona Socorro: primeiro a gravação de acompanhamento e depois a entrevista. Dessa maneira, nesse dia fomos registrar uma aula de equoterapia da Geovanna. Chegamos na Montaria da Polícia Militar às 7h40 da manhã para nos organizarmos sem atrapalhar a aula em si. Nesse dia, para podermos ter imagens variadas do local e da Geovanna, chamamos mais um fotógrafo. Anderson não podia estar conosco, então a Ana Paula, que nos acompanhou nesse dia, convidou Rafael Beppu para nos auxiliar com as imagens. Essa gravação também exigia autorização prévia do local, obtida pela Ana Paula para que pudéssemos registrar a aula. Saímos de lá às 9h40 da manhã.</p>
26/04/2017	Gravação 5: Entrevista Dona Edvânia	<p>A entrevista na casa da Dona Edvânia ocorreu conforme o esperado. Em set estavam as diretoras, Ana Paula e Anderson. Como não houve uma visita prévia ao local para fazer o pré-light, fomos todos preparados para gravar tanto interna, quanto externamente, levando equipamento de iluminação e rebatedor. Dona Edvânia fez um bolo para nos receber e aproveitou para cantar parabéns para a Geovanna. Segundo a mãe, em todos para os bolos feitos na casa são cantados parabéns para a menina. Aproveitamos para registrar esse momento, o que resultou em uma boa filmagem para o momento da montagem.</p>

04/05/2017	<p>Reunião de Identidade Visual 2</p> <p>Gravação 6: Entrevista Dra. Moema Arcoverde</p>	<p>Achamos interessante fechar uma fonte no estilo cursivo para o título - remetendo à ideia da mãe escrevendo uma página por dia - e uma fonte mais comum e sem serifa para servir de auxiliar. Combinamos de nos reunir novamente mais tarde, com a paleta fechada e para decidirmos a fonte.</p> <p>A gravação com a Dra. Moema foi pensada porque precisávamos de alguém que pudesse explicar e conceituar a síndrome de Down no documentário. Algum especialista que o incrementasse trazendo uma parte “profissional” para o projeto. À essa altura já tínhamos um conhecimento maior em relação ao Cris Down e pensamos ser válido conversar com alguém de lá. Dessa maneira, marcamos uma entrevista com ela, que era coordenadora do local até a semana anterior à gravação. Chegamos ao local às 13h10 para gravar, porém neste dia a doutora tinha três pacientes com prioridade acima à gravação. Então esperamos ela atender a todos e gravamos de 16h30 a 17h. Acompanhando as diretoras estavam Carolina e Anderson.</p>
09/05/2017	Gravação 7: Natação do Augusto	<p>O acompanhamento da aula de natação do Augusto foi dentro do esperado. Chegamos no Clube Cultural e Recreativo Nipo Brasileiro às 15h30 para podermos nos preparar antes ainda da chegada do Augusto e de seu professor, Luciano Terra. Às 16h o rapaz já estava nadando. Ficamos uma hora registrando o treino e a interação dele com o professor. Porém não contávamos com outra criança especial presente. Ela gostava de bater palmas e fazer barulhos, o que fez com que alguns momentos do som capturado se tornassem difíceis de utilizar. Saímos do clube</p>

		por volta das 17h15 e seguimos para a UnB, para passar os arquivos para um computador e devolver os equipamentos.
10/05/2017	Gravação 8: Entrevista Dona Tatiana	Para essa entrevista, fomos ao Lago Sul conhecer a casa do Augusto e sua família. Eram 16h30 quando nós, Ana Paula e Anderson fomos recebidos pela Dona Tatiana, pelo Augusto e pelo Guilherme, seu irmão. Para não haver problemas na captação do som como aconteceu com a Dona Socorro (quando acabamos tendo que gravar com o celular), levamos duas lapelas, por precaução. A primeira lapela estava com problemas no cabo que conectava ao gravador, gerando muito ruído. Tentamos a segunda lapela, porém ela não estava captando som algum. Dessa forma, usamos a primeira lapela com o cabo envolto em fita isolante e distante da entrevistada. Como o set começou mais tarde, fomos perdendo a luz natural, o que motivou o uso de uma sungun, para deixar a luz mais uniforme ao longo da entrevista.
11/05/2017	Reunião de Orientação 3	Como dito na introdução às personagens, ficamos com receio de colocar o Bruno no documentário e acabar gerando uma imagem erroneamente ruim da condição dele. Para podermos decidir o que faríamos, nos reunimos com nosso orientador e discutimos pontos positivos e negativos da inserção de Bruno no trabalho. Saímos da reunião pensando em não colocá-lo. Mais tarde, porém, decidimos colocá-lo, uma vez que seria mais interessante ter a história de uma mãe que teve um filho com síndrome de Down há 31 anos e que poderia contar como era a realidade dessa época. Assim o documentário poderia ter um comparativo de possíveis mudanças e progressões (ou regressões). Dessa forma, entramos em contato com Suna, irmã de Bruno, para

		confirmar a participação dele no projeto.
15/05/2017	Gravação 9: Entrevista Dona Edilsa	A entrevista da Dona Edilsa, mãe do Bruno, aconteceu em uma segunda-feira. A equipe tinha pouquíssima disponibilidade para esse dia, porém nosso tempo estava muito curto e precisávamos gravar o quanto antes. Dessa forma, além das diretoras, foram ao set a produtora Carolina Igreja e a fotógrafa Sofia Todd. Dona Edilsa mora em Vicente Pires, então saímos da UnB às 14h20 para chegarmos às 15h, hora marcada. Usamos luz natural, duas câmeras e uma lapela para a captação.
16/05/2017	Gravação 10: Aula na Escola do Bruno	Bruno estuda no Centro de Ensino Especial 1 de Taguatinga. Ele um dos 13 existentes no DF, segundo o Censo Escolar de 2014 e sua estrutura é especializada para o ensino de pessoas com deficiência. Chegamos às 13h10 e gravamos imagens do Bruno na escola durante aulas de educação física, de informática e durante o intervalo totalizando 3 horas de gravação. Lá tivemos a oportunidade de conhecer um pouco mais da realidade de uma escola voltada apenas para o ensino de alunos especiais e vimos casos diferentes de crianças com síndrome de Down que estudam lá. Estávamos ambas as diretoras e a produtora Carolina Igreja.
26/05/2017	Reunião de Orientação 4	Depois de terminarmos as gravações, nos reunimos com o professor para mostrarmos a primeira ideia de corte da abertura e das entrevistas. Ele deu algumas sugestões de modificações na edição, orientações para a memória e para banca. Nessa mesma reunião ficou decidido que o formato

	<p>Reunião de Identidade Visual 3</p>	<p>do produto seria de quatro episódios de sete minutos e meio cada. Assim ele ficaria mais fácil de ser veiculado e mais compacto, uma vez que já estávamos cogitando fazer episódios de dez minutos. Nosso orientador nos indicou que checássemos com a ANDI as questões relacionadas ao uso da imagem das pessoas com síndrome de Down, mesmo com a autorização das mães delas, para garantir que não teríamos problemas com isso futuramente.</p> <p>Após termos combinado na última reunião, nos encontramos novamente com João Victor Maciel. Foram apresentadas algumas ideias de possíveis fontes para utilizarmos tanto no título, quanto em créditos e outro momentos do documentário que exigisse escrita na tela. Escolhemos as fontes e o João deu a ideia de usarmos as linhas, como se as palavras estivessem sendo escritas em um papel. Combinamos de pensar e definir melhor se aceitaríamos ou não com base em um exemplo que ele faria para nós.</p>
<p>10/06/2017</p>	<p>Gravação da Trilha Sonora</p>	<p>Como havíamos decidido fazer a uma trilha sonora original, nos reunimos ambas as diretoras e Pedro Sales para gravar. Nossa primeira decisão foi pensar em quais instrumentos iriam compor a trilha. Decidimos que as canções compostas possuiriam apenas instrumentos de corda e, mais especificamente, violão, viola ou ukulele. Mostramos episódios ao Pedro para que ele pudesse entender o tipo de emoção que gostaríamos de passar em cenas específicas. Não havíamos conseguido os equipamentos necessários para uma gravação de qualidade, porém que decidimos tentar fazer uma gravação mais caseira e, após isso, tratar o</p>

		<p>som. Ao longo da gravação percebemos que a mesma não teria uma qualidade da forma que gostaríamos, então decidimos manter o que foi gravado como material de garantia para o caso de alguma necessidade. Os áudios gravados nesse dia ficaram sob a responsabilidade de Victoria tratar e ver quais poderiam ser utilizados. No dia seguinte, Camila conseguiu um microfone de lapela com um conhecido que o tinha e entregou para Pedro gravar outras versões do que havia gravado anteriormente, além de mais músicas que havia pensado desde o último encontro. Os áudios foram enviados para que Victoria os tratasse também.</p>
13/06/2017	Reunião de Alinhamento das Autoras	<p>Nesse meio tempo, uma estava editando (Camila), enquanto outra tratava os sons gravados (Victoria). No dia 13 de junho ambas se reuniram para que Victoria pudesse pegar os arquivos editados para adicionar o resto da parte sonora que faltava (uma vez que o áudio das entrevistas já havia sido tratado antes do início da edição). Após aperfeiçoamentos de som e edição, o projeto estava finalizado.</p>

10.2 EXEMPLO DE ORDEM DO DIA UTILIZADA

ORDEM DO DIA #5

Data: 26/04/2017

Projeto: Convivendo com a síndrome de Down		
Equipe no Set:		Entrevistada:
Direção de Equipe e Som Direto: Victoria		Mãe: Edvânia
Direção de Set e Fotografia: Camila		(mãe da Geoavanna)
Direção de Fotografia: Anderson		
Produção: Ana Paula		
Localção: Casa da Edvânia		Entrada: 14h30
		Saída: 17h
		Início das Filmagens: 15h
EXTERNA/INTERNA	DIA	Término das Filmagens: 16h30
Equipamentos		
Câmera D5100 + D3100	Gravador + Pilhas + Cartão de Memória + Boom + 2 lapelas	
Lentes 18-55 + 70-300 + Tripé	Cabo Mini USB/USB + Fone de Ouvido + PC	
Telefones Importantes		
Equipe:		Entrevistada:
Direção: Camila (xxxxx-xxxx)		Dona Edvânia
Fotografia: Anderson (xxxxx-xxxx)		(Anna Gabriela, irmã da Geovanna: xxxxx-xxxx)
Dir. de Som: Victoria (xxxxx-xxxx)		
Produção: Ana Paula (xxxxx-xxxx)		

10.3 EXEMPLO DE PLANO DE FILMAGENS UTILIZADO

PLANO DE FILMAGENS #5

Personagem: Edvânia/Geovanna		Tipo de Gravação: Entrevista		
Objetivo: Abordar os assuntos relacionados aos temas dos episódios e conhecer um pouco mais da intimidade da família.				
Pergunta	Descrição	Quadro/Mov.	Equipamento	Tempo
-	- Quarto da Geovanna - Portarretratos - Geovanna e Anna	Planos Detalhe	Câmera D3100	20min
1	Qual a história do seu filho? (Como é a família, quantos irmãos têm etc.)	Plano Médio + Plano Detalhe	Câmera D5100 + Tripé + Câmera D3100	10min
2	Como foi o momento da notícia? Você teve conhecimento da síndrome de Down ainda no pré-natal ou apenas depois do nascimento? Houve suspeitas antes do diagnóstico?	Plano Médio + Plano Detalhe	Câmera D5100 + Tripé + Câmera D3100	10min
3	Como a senhora se preparou para cuidar da Geovanna após saber que ela tinha SD?	Plano Médio + Plano Detalhe	Câmera D5100 + Tripé + Câmera D3100	5min

4	Vocês frequentam algum grupo de apoio ou atividades voltadas para crianças com síndrome de Down?	Plano Médio + Plano Detalhe	Câmera D5100 + Tripé + Câmera D3100	5min
5	Quais cuidados tiveram de ser tomados exclusivamente por conta da síndrome?	Plano Médio + Plano Detalhe	Câmera D5100 + Tripé + Câmera D3100	10min
6	Você se considera uma mãe superprotetora?	Plano Médio + Plano Detalhe	Câmera D5100 + Tripé + Câmera D3100	5min
7	Você já notou algum tipo de discriminação vivenciada pelo seu filho/filha ou por parte das pessoas? Algum episódio a marcou quanto a isso?	Plano Médio + Plano Detalhe	Câmera D5100 + Tripé + Câmera D3100	5min
8	Como foi feita a escolha da escola da Geovanna? Como você se sentiu ao deixá-la lá pela primeira vez?	Plano Médio + Plano Detalhe	Câmera D5100 + Tripé + Câmera D3100	5min
9	Como é a convivência do seu filho com outras crianças?	Plano Médio + Plano Detalhe	Câmera D5100 + Tripé + Câmera D3100	5min

10	Qual episódio de superação do seu filho que mais a marcou?	Plano Médio + Plano Detalhe	Câmera D5100 + Tripé + Câmera D3100	5min
11	Você poderia falar um pouco sobre a equoterapia? Como vocês ficaram sabendo, como ela ajuda a Geovanna, se ela gosta etc.	Plano Médio + Plano Detalhe	Câmera D5100 + Tripé + Câmera D3100	10min
12	Você se lembra de mais alguma outra história que pode compartilhar conosco?	Plano Médio + Plano Detalhe	Câmera D5100 + Tripé + Câmera D3100	5min